



OS DESCOBRIMENTOS E O PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO

THE DISCOVERIES AND MODERNIZATION PROCESS OF GEOGRAPHICAL KNOWLEDGE.

EL DESCUBRIMIENTO Y EL PROCESO DE MODERNIZACIÓN DEL CONOCIMIENTO GEOGRÁFICO

Fabício Pedroso Bauab

Professor da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Campus de Francisco Beltrão. Rua Maringá, 1200, CEP: 85.605-010, Francisco Beltrão-PR.
E-mail: fabriciobauab@yahoo.com.br

Rodrigo Ferreira Lima

Mestrando em Geografia na Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.
Rua Maringá, 1200, CEP: 85.605-010, Francisco Beltrão-PR.
E-mail: delima.rodrigo@yahoo.com.br

RESUMO

O presente artigo trata do impacto causado pelos Descobrimentos Marítimos sobre o conhecimento geográfico na transição da Idade Média para a Modernidade. Primeiramente, discute-se o conceito de Descobrimento, ressaltando o amplo conjunto de significados imanentes a ele. Na sequência, são tratadas algumas empresas marítimas que, de forma gradual e processual, revelaram aspectos até então desconhecidos. Tais viagens propiciaram um rico debate entre uma tradição geográfica medieval, amparada no princípio da autoridade, e dados empíricos novos, não previstos pelas ditas autoridades. De tal debate presume-se, como resultado, o desenvolvimento de um processo de modernização do conhecimento geográfico.

Palavras-chave: Idade Média; Descobrimentos; Geografia Moderna.

ABSTRACT

This paper deals with the impact caused by the Maritime Discoveries on the geographical knowledge in the transition from Middle Ages to Modernity. First, we discuss the concept of discovery, highlighting the wide range of meanings immanent to it. Following are some shipping companies that dealt in a gradual and procedural aspects revealed hitherto unknown. These trips have provided a rich debate between a medieval geographical tradition, supported the principle of authority, and new empirical data, not covered by the said authorities. From this discussion it is assumed as a result, the development of a modernization process of geographical knowledge.

Keywords: Middle Ages; Discoveries; Modern Geography.

RESUMEN

Este artículo trata sobre el impacto de los descubrimientos marítimos en el conocimiento geográfico en la transición de la Edad Media a la Modernidad. En primer lugar, se discute el concepto de descubrimiento, destacando la amplia gama de significados inherentes a la misma. Después se tratan sobre algunas compañías navieras que de forma gradual y procesalmente reveló aspectos hasta ahora desconocidos. Estos viajes proporcionan un rico debate entre la tradición geográfica medieval, con base en el principio de autoridad, y los nuevos datos empíricos, no previsto por dichas autoridades. De este debate se presume, como resultado, el desarrollo de un proceso de modernización de lo conocimiento geográfico.

Palabras Clave: Edad Media; Descubrimientos; Geografía moderna.

Introdução

Normalmente, trata-se muito pouco da importância dos chamados Descobrimientos Marítimos para o processo de modernização do conhecimento geográfico. Não é incomum, entretanto, nos depararmos com historiadores usando o qualitativo geográfico para explicitar a revelação, para o europeu, de novas paragens que surgiam à medida que suas naus singravam águas desconhecidas. Cabe dizer que os ditos Descobrimientos só ganham importância para a Geografia a partir do momento em que consideramos a existência de um conhecimento geográfico anterior, que fez parte do horizonte cultural europeu ao longo do milênio medieval.

Foram vários os temas tipicamente geográficos discutidos no período aludido. Santo Agostinho (354-430), Lactânio (240-320), Cosmas Indicopleustes (séc. VI), Macróbio (séc. IV) e Aristóteles (384-322) foram algumas das personagens que, ou por herança intelectual reverenciada, ou por iniciativa pessoal tendo por critério fixo o conteúdo das Escrituras, se debruçaram sobre a questão do formato da Terra. A transponibilidade, ou não, da zona tórrida parmenidiana foi outro assunto geográfico debatido no período, e que remete, assim como a questão do formato da Terra, à existência ou não de um hemisfério antipodiano.

Um aspecto importante para atestar a importância da contraposição entre uma tradição geográfica medieval e o seu declínio mediante a experiência de novas porções do mundo proporcionada pelos Descobrimientos Marítimos surge claramente quando percebemos que o conhecimento geográfico medieval amparou-se, dada a carência de dados empíricos, na (re) produção literária da informação geográfica, mantendo parte do que se sabia sobre o mundo na Antiguidade. Gostaríamos de oferecer alguns exemplos de como isso ocorreu.

Isidoro de Sevilha (560-636), eminente erudito cristão, em dois livros de sua monumental *Etimologias* ou *Origens*, referenciou-se, no que tange ao material geográfico, em Solinus, autor romano com forte tendência de relatar o maravilhoso e o incomum (KIMBLE, 2000). Solinus, como se sabe, amparou-se, em boa parte de sua *Collectanea rerum memorabilium* (publicada entre 230 e 240 d.C), na *História Natural* de Plínio, o velho (23-79 d.C), sendo que este, por sua vez, cita abertamente que os dados geográficos de sua imensa enciclopédia foram retirados de fontes secundárias, entre elas Megasthenes (350-290 a. C.). Cabe destacar que a referida obra de Isidoro de Sevilha era ainda muito referenciada por navegadores em pleno século XV.

Na quase aurora da modernidade, Jean de Mandeville (séc. XIV) é outro autor que construiu uma narrativa geográfica do mundo conhecido tendo por base o

cruzamento de informações textuais de diversos autores. O seu *Tratado das coisas mais maravilhosas e notáveis que existem no mundo* constitui-se numa espécie de síntese de tratados anteriores do mesmo tipo, destacando-se pela elegante escrita e pelo tom aventureiro oriundo de uma narrativa transcorrida em primeira pessoa. Vincent de Beauvais, Plínio, Solinus, Isidoro de Sevilha, Odorico de Pordenone, entre outros, foram algumas das fontes usadas para o autor *forjar* na obra uma imagem de mundo.

Um exemplo claro de transcrição, da parte de Jean de Mandeville, de informações oriundas de outros autores é dado a seguir. Em sua suposta travessia de um vale nos confins asiáticos, o autor em questão escreveu:

Esse vale está, e sempre esteve, cheio de demônios. A gente diz que é uma das entradas do inferno. Nele, há muito ouro e muita prata [..] {No centro desse vale, sob uma rocha, há uma cabeça com cara de demônio, terrificante e horrível à vista, só podendo ser vista até os ombros. [...] Fiquei assombrado com a existência de tantos mortos e com o de que seus corpos estavam inteiros e sem se decomporem (MANDEVILLE, 2007, pp. 235-6).

O trecho que acabamos de reproduzir, se contrastado ao *Relatório* do padre Odorico de Pordenone (1286-1331), missionário franciscano que efetivamente viajou para a Ásia Mongol, escancara a sua pouca originalidade. Em alusão a um tal Vale Perigoso, o franciscano escreveu:

Mas quando entrava por ele, como já disse, vi tantos corpos mortos que, se alguém não os visse, lhe pareceria quase incrível. No mesmo vale, num dos seus lados, na pedra da parede, vi a face de um homem muito terrível; era tão terrível que, pelo grande medo, pensei que iria perder os sentidos ou que pereceria. [...] Todavia, não ousando aproximar-me dali, fui à outra ponta do vale. E, então, subi um monte de areia [...]. Quando cheguei ao cume do monte, encontrei grandíssima quantidade de ouro e prata, ali reunida [...] (PORDENONE, 2005, p. 334).

Jean de Mandeville, assim como Isidoro de Sevilha, tem que ser compreendido dentro do complexo cenário que o envolvia, e isso perpassa pela pouquíssima mobilidade espacial da sociedade medieval. Em nosso entendimento, não podemos, à maneira moderna, taxá-lo de um mero plagiador. Em verdade, sua efusiva defesa do formato esférico do planeta¹ e, mais ainda, a exaltação da pureza do cristianismo

¹ Sobre este tópico, Jean de Mandeville escreveu: [...] *se pode deduzir que a terra e o mar são redondos, pois a parte do firmamento que aparece em um país não é a mesma que aparece em outro. [...] encontrando-se barcos de travessia e pessoas dispostas a percorrer o mundo, poder-se-ia navegar inteiramente ao seu redor* (MANDEVILLE, 2007, p. 170).

levado a cabo no lendário reino de Preste João² – que ele jurou conhecer – atestam um forte tom de criticidade em relação à Igreja e suas teorias oficiais.

Além disso, há de se notar que a palavra escrita tinha, no período supracitado, um alto grau de confiabilidade. O próprio título que Isidoro de Sevilha atribuiu à sua obra *Etimologias* ou *Origens* significa uma busca pelo reestabelecimento da etimologia das palavras para se alcançar a verdadeira essência das coisas que elas designam (FRANCO JUNIOR, 1992).

Os chamados Descobrimientos Marítimos, entretanto, darão início a um processo de contraposição entre a palavra escrita e os conteúdos reais, empíricos, de um mundo que vai, gradativamente, sendo desnudado rumo à percepção de sua inteireza.

Neste sentido, o presente artigo, que visa problematizar a relevância dos ditos Descobrimientos para o processo de modernização do conhecimento geográfico, se estrutura da seguinte forma. Primeiramente, faremos uma discussão acerca da amplitude de significados oriunda do termo Descobrimiento. Na sequência, faremos uma exposição, bem como uma análise, de algumas das viagens portuguesas e espanholas que, claramente, serviram para, graças às massas de terra e água que encontraram, reinventar a perspectiva cristã-ocidental de mundo, no que tange à Geografia. Neste momento, foram selecionadas as viagens de Bartolomeu Dias, Vasco da Gama, Cristóvão Colombo, Américo Vespúcio e Fernão de Magalhães.

Os diferentes sentidos dos *Descobrimientos*

Partimos do pressuposto de que significados diferentes devem ser atribuídos ao termo *descobrimiento*. De uma forma geral, entretanto, ele ora é usado num sentido ampliado, enredado a outros aspectos vinculados à constituição da modernidade, ora finda por ficar restrito às terras incorporadas ao mundo cristão-ocidental a partir das viagens transoceânicas.

La Cuesta (apud GODINHO, 1998), atesta a imprecisão do termo *descoberta*, pois os nativos que habitavam as terras transatlânticas já estavam ali. Assim, o mais correto seria falar em comunicação, encontro, pois o descobrir apenas tem sentido do ponto de vista daquele que observava os fatos do exterior.

² Sobre o aludido reino, Mandeville (2007) escreveu: *Acreditam no Pai, no Filho e no Espírito Santo e são homens de boa fé e religião e leais uns aos outros, não existindo entre eles fraude ou corrupção* (p. 230).

O uso do termo descobrimento, numa conotação mais ampla, surge também das diferentes mudanças promovidas pela Renascença. Nela, se *redescobriu* o passado, muitas vezes buscando pular diretamente da modernidade incipiente para a antiguidade. As “trevas medievais” eram, aparentemente, vencidas por um salto, como se o pensamento antigo não se fizesse presente na cultura do período medievo. Contudo, a novidade de tal (re) descoberta do passado é prenhe dos novos significados trazidos pelo presente de uma sociedade claramente em transição, engendrando novas forças econômicas que fariam ruir o modo de produção feudal.

A abertura do mundo deu-se, também, em um novo tipo de redescoberta do passado, libertando-o, processualmente, do crivo da Igreja Católica que, na Idade Média, controlava-o. A secularização do saber significou, nestes termos, um reencontro com o passado e uma projeção para o futuro, para o moderno, sempre considerado sinônimo do novo, mesmo que esse já se tenha feito fazer num tempo não tão remoto assim. Aqui, na Europa renascentista, descobrir quer significar a forja de um novo mundo e de um novo homem. O heliocentrismo copernicano e o sujeito do conhecimento cartesiano são expressões do que acabamos de afirmar. Neste sentido, o homem europeu passa a conhecer novas formas de se auto-(re) descobrir.

A expressão descobrimento fez-se, segundo Godinho (1998), mais presente entre os portugueses. Aos espanhóis era comum o uso da palavra conquista. Contudo, ambas tinham em seu âmago a subordinação das terras *descobertas e conquistadas* ao mercantilismo nascente da Europa, propiciando, na navegação através da *parmenidiana zona tórrida*, intransponível para autoridades como Aristóteles, aquilo que Marx veio a chamar de acumulação primitiva do capital.

Nestes termos, o descobrir reveste-se de outro significado: não somente retira-se o véu dos olhos e do mundo, atestando a inexistência dos limites dados pelas colunas de Hércules, para demonstrar um planeta todo ele feito de alteridades. Frente ao susto perante o novo, surge o êxtase pela possibilidade de atrelar as novas terras aos próprios mecanismos de reprodução do capital insuflados desde há pouco no continente europeu.

Há um processo inerente às primeiras Grandes Navegações que consiste justamente na criação de uma verdadeira teia de rotas – de redes – ligando os grandes centros da Europa às áreas notificadas pelos navegadores em suas cartas, em seus diários. Intensifica-se o movimento do mundo que, em certa medida, parece ter uma nova dinâmica paisagística, um novo sentido para a vida dos homens. O afã pela velocidade, pelo progresso, que Martin (1946) destaca como fundamento

cognitivo da burguesia – que, como não poderia deixar de ser, expressava o estado de coisas do mundo que nascia atrelado ao aparecimento desta nova classe social – parecia agora transpor os limites europeus, instalando-se, em certa medida, na globalidade que, à medida que vai sendo *descoberta*, vai sendo amalgamada à tradição cultural do agora *Velho Mundo*.

Godinho (1998) destaca, neste cenário, que as navegações da chamada era dos descobrimentos teceram uma rede mundial de rotas, pondo em mútua relação todas as civilizações que se tinham desenvolvido ao longo das linhas costeiras dos oceanos. Com o tempo, a tessitura de tais redes incorporaria também os espaços continentais interiorizados pela ação das caravanas que, neste sentido, amplificaram a construção de um *espaço operacional*. Os isolamentos são, assim, gradativamente rompidos.

Ressaltamos que operacional torna-se todo o meio desbravado, toda ilha e pontos de referência, como cabos, desembocaduras de rios, cidades e fortificações que serviriam de entrepostos (GODINHO, 1998). Assim, o descobrimento atrela-se, também, a uma nova relação de referência com o espaço ,desbravado, fazendo dos avanços cartográficos, retomados graças ao afã por cientificidade e quantificação recentemente reintroduzidos no Ocidente por ocasião da *descoberta* das obras de Ptolomeu, um elemento essencial. O cenário histórico exigiu, assim, novos referenciais de deslocamento e fixação. O afã pela exatidão torna-se aqui critério cognitivo instaurado pela sociedade burguesa que se edificava conjuntamente com uma nova imagem de mundo.

Deslumbramento e pragmatismo se unem no olhar europeu lançado para as novas paragens. Assim, temos que a construção do espaço, no âmbito do referencial empírico ou mesmo cartográfico, viria a possibilitar ao europeu deslocamentos conscientes (GODINHO, 1998), o futuro estabelecimento de viagens frequentes, geradoras desta nova tessitura de redes. Os simbolismos imanentes aos mapas medievais, como, por exemplo, o de Ebstorf (séc. XIII), perdem, portanto, parte de seus significados.

Nesta nova percepção do espaço, o descobridor moderno surge não como retirante do véu que estendia sobre o mundo limites imaginários, mas como o sujeito que, se vendo repleto de falácias, do antemão pouco confirmado na textura real das novas paragens, começa a descobrir de fato as novidades através de um olhar rígido sobre si. Holanda (1969) ressalta que, neste cenário, há uma retração da área tradicional dos países da lenda e dos sonhos, embora fique claro que, com o avanço

da colonização, antigos mitos como o das Amazonas e o da Fonte da Juventude foram transferidos para áreas americanas que, desconhecidas dos exploradores, passaram a ser preenchidas com conteúdos que outrora haviam sido transpostos para áreas remotas do ecúmeno medieval (MEGASICH-AIROLA & DE BEER, 2000). Neste sentido, o descobrimento se entrelaça com uma espécie de rearranjo espacial dos elementos lendários desprendidos da cultura medieval, tendo como papel a validação destes elementos em uma nova ordem geográfica.

O descobrimento quer significar, também, uma nova chance para a Igreja Católica recuperar parte de seu poder, então diminuído graças ao avanço do protestantismo. Aqui, os descobrimentos vêm acompanhados por uma perspectiva unilateral e teleológica de tempo que define/reduz a diversidade cultural encontrada aos esquemas universais da teodiceia cristã. Assim, a redução é feita mediante um princípio unificador entre profecia e realização, transmutando a história em eternidade, evangelização em consumação (GIUCCI, 1992). Neste sentido, realizou o que Eliade (1991, p.169) atribui como característica fundamental da concepção de tempo cristã: “*a transfiguração do acontecimento histórico em hierofania* (p.169)”.

Santo Agostinho, com base na Bíblia, preconizou o final dos tempos, passados sete mil anos. De acordo com as contas de um pio Colombo, do Gênesis até Cristo, passaram-se 5343 anos, e de Cristo até o momento de sua empresa, 1501 anos. Restavam, assim, apenas 156 anos para que os pagãos remanescentes fossem evangelizados. Na maioria dos casos, como denuncia Galeano (1997), conversão religiosa e exploração escravista na busca incessante por ouro não eram ações tão distintas assim.

Há aqui a face sanguinolenta do descobrimento. Bartolomé de Las Casas (1484-1566), padre dedicado à defesa das novas gentes, o anti-herói espanhol, questionou, neste sentido, o significado espanhol dado à palavra descobrir:

Em virtude das injustiças e ultrajes dos outros tiranos modernos que por ali passavam para destruir outras províncias, cousa a que dão o nome de **descobrir**³, muitos índios se juntaram, fortificando-se em certos rochedos, sobre os quais os espanhóis voltaram a praticar tantas atrocidades que puseram quase em absoluta ruína todo esse grande país (LAS CASAS, 2007. p.72).

Assim, vem, o descobrimento, seguido da conquista, da inserção do novo nos mecanismos de reprodução do recente estado de coisas passado no continente europeu. E a fabulação de Deus permeou de legitimidade tal intento!

³Grifo Nosso.

O descobrir se atrela também à abertura para um manancial de fatos e perspectivas que maravilhavam o olhar do europeu, que agora tem diante de si apresentada a diversidade que reduz em relevância o seu pequeno mundo chamado Europa. A ciência galileiana não havia, de certa forma, feito o mesmo com o nosso mundo ao retirá-lo do centro do sistema? Giordano Bruno não fora mais longe ainda ao declarar a Terra um corpo celeste preenchendo um espaço infinitamente ocupado por outros infindáveis corpos celestes passíveis de serem habitados?

Num mundo expandido, a novidade passa a ser fundamento básico dos astutos portugueses que, para tanto, criaram um roteiro bem definido, ou, como declara Godinho (1998), um verdadeiro plano de pesquisa: observava-se a geografia física, os tipos de população e línguas, o povoamento rural, a cereicultura e a criação de gado, os poderes políticos e a estrutura social, passando pelas relações sexuais, suas relações com o parentesco, a religião e os ritos.

Trata-se, neste momento, diferentemente do simbolismo da Geografia Medieval, de seu aspecto textual/literário, de um espaço físico, de rugosidades materiais, repleto de correntes marítimas, ventos, situações climáticas distintas, lugares... E, além do de saber operar tais fenômenos, ou de, no mínimo, encará-los de forma prudente, faz-se necessário criar uma linguagem que os uniformize, que organize a diversidade.

A experiência começa a ganhar a rigidez e o percurso seguro do método que F. Bacon virá, um pouco mais tarde, traçar em sua reconstrução do órgão do conhecimento. Há, como destaca Novaes (1998), uma nova noção do experimentar que, em primeira mão, quer dizer não acreditar e, com esta nova experiência, o pensamento estabelece uma nova modalidade de razão, operante a partir dos aspectos empíricos do mundo.

Neste prisma, as possibilidades de experiência proporcionadas pelas viagens modernas levaram o principal nome por detrás da criação do método experimental a aclamar:

As viagens de Demócrito, Platão, Pitágoras, que não eram mais que excursões suburbanas, eram celebradas como grandiosas. Em nossos tempos, ao contrário, tornaram-se conhecidas não apenas muitas partes do Novo Mundo, como também os extremos limites do Mundo Antigo, e assim é que o número de possibilidades de experimentos foi incrementado ao infinito (BACON, 1999, p.58).

Por tudo isso, em efervescência ficaram os dogmas pelos mais variados tipos de conhecimento advindos dos chamados descobrimentos. A origem adâmica do

homem seria uma verdade sustentável em meio a tantas gentes encontradas em tantos recônditos lugares? Se a alpaca e o lhama não constavam nas fileiras dos animais salvos por Noé, de onde provinham, então? Haveria alguma relação de descendência entre aqueles que foram chamados de *índios* e os três filhos de Noé que repovoaram as três partes do mundo conhecidas pelo homem medieval? Estas e outras tantas questões suscitaram graves fissuras na tradição cultural do Ocidente.

Temos, portanto, que o novo foco trazido pela experiência permite, como viemos destacando no transcorrer do texto, um re-visitar de certos (pré) conceitos, reformulando-os nos termos de um maior rigor para a relação entre as palavras e as coisas. Se a livresca *Geografia Medieval* norteou-se pela reprodução, ao longo de vários séculos, de muitas inverídicas informações não angariadas *in loco*, fluindo enquanto conteúdo pronto de Plínio o Velho, sorvido por Solinus e reproduzido e adulterado por Isidoro de Sevilha, os descobrimentos sacramentaram o início do seu fim.

Obviamente que tamanhos preconceitos e expectativas, em relação aos conteúdos que deveriam compor o mundo, não foram suprimidos de imediato. A experiência do novo no processo de (re) conhecimento das novas terras não se deu no sentido de sabê-lo, portanto, de imediato. A seguir, discutiremos sobre algumas importantes viagens pertencentes a este processo de descoberta e reconhecimento do novo.

Algumas viagens transoceânicas e as novidades geográficas desveladas

Bartolomeu Dias e Vasco da Gama: a percepção da comunicabilidade entre os oceanos Índico e Atlântico

Olhando para o mapa-múndi que consta ao lado de outros 25 mapas da *Geografia* de Ptolomeu - possivelmente, de acordo com Dreyer-Eimbcke (1992), elaborados por Agatodemônio, funcionário da Biblioteca de Alexandria - salta logo aos olhos o fato de que nele o Oceano Índico aparece fechado, como se fosse um imenso mar. Isso ocorre porque no aludido mapa a África se estende ao sul, ligando-se a um suposto - e imenso - continente austral, derivado do afã grego por simetria na distribuição de mares e terras pelo mundo. O resultado disso é a negação de qualquer

possibilidade de comunicação entre o Oceano Atlântico e o Índico ou mesmo de circunavegação do continente africano.

No século XV, quando Ptolomeu estava sendo (re) descoberto no Ocidente graças ao intercâmbio dos europeus com os árabes, as informações de seu mapa-múndi estavam prestes a serem superadas. Pelo menos no que diz respeito à existência deste imenso mar, como destaca Boorstin (1989).

O’Gorman (1992) salienta que, sob o comando e estímulo do príncipe Henrique (1394-1460), o navegador, os portugueses lançaram-se em busca da prodigiosa riqueza das Índias crendo que o extremo meridional da África não se estenderia muito para além da linha do equador. Neste exercício de ousadia e cobiça, um novo mapa do mundo começou a ser configurado.

A viagem comandada por Bartolomeu Dias (1450-1500), ocorrida entre 1487 e 1488, dirimiu as dúvidas acerca da existência de um caminho marítimo para a Índias através do contorno da África. A empresa comandada por Bartolomeu Dias mostrou a comunicabilidade dos oceanos através do Cabo da Boa Esperança, chamado pela tripulação, graças aos percalços da travessia, de Cabo das Tormentas. Conforme ressalta Fonseca (2001), o navegador português revelou uma perspectiva de oceano como espaço unitário, deixando aberta a possibilidade de transposição do Índico. A informação geográfica obtida, desta maneira, por Bartolomeu Dias, foi crucial, portanto, para que os portugueses planejassem uma rota alternativa para o lucrativo comércio com as Índias.

Foi, entretanto, Vasco da Gama (1460/9-1524) quem empreendeu a viagem completa até a Ásia. Zarpando com quatro navios em 08 de julho de 1497, a expedição demorou cerca de um mês para contornar o Cabo da Boa Esperança, sendo que o Oceano Índico mesmo foi cruzado rapidamente, em apenas 23 dias.

Em 20 de maio de 1798, Vasco da Gama ancorou próximo a Calicute. Em 29 de agosto teve início a viagem de retorno. Aproximadamente metade de uma tripulação de 170 homens morreu ao longo do novo percurso.

Fernández-Armesto (2009) relativiza um pouco o efeito para o comércio entre o Oriente e o Ocidente oriundo da viagem de Vasco da Gama. Ressalta que durante praticamente todo o séc. XVI, o volume de comércio pelas rotas convencionais continuou a crescer, juntamente com o uso da nova rota. Esta situação fez com que pelos cem anos subsequentes à viagem de Vasco da Gama nenhum rival em potencial se dispusesse a disputar com Portugal o domínio da rota descoberta. Contudo, o mesmo autor salienta que a aludida viagem representou, em termos gerais, um

avanço significativo na globalização do comércio, estimulando a realização de encontros culturais até então sem precedentes.

Fonseca (2001, p.30) sintetiza, por sua vez, o êxito geográfico da empresa de Vasco da Gama da seguinte maneira:

Sigamos o itinerário por toda a geografia a que o personagem deixa o nome ligado. De Sines a Calecute, das praias alentejanas às costas de Malabar, do Atlântico norte ao Índico central, estende-se a maior ampliação de horizontes que uma só vida pode protagonizar..

No nosso entendimento, as viagens de Bartolomeu Dias e Vasco da Gama assumiram notadamente um tom moderno por realizarem um contraponto entre uma imagem ossificada de mundo desprendida do recurso à autoridade de Ptolomeu e outros autores, e evidência empírica construída tendo por base uma demanda societária concreta. Assim, pouco a pouco estas viagens foram tornando possível um interessantíssimo contraste entre o lido e o encontrado, entre o pré-concebido e o vislumbrado pelo sobressalto da evidência empírica.

Cristóvão Colombo e a leitura do novo

11 de outubro de 1492. A bordo da Pinta, Rodrigo de Triana, segundo o diário de viagem de Cristóvão Colombo (1451-1506), avista terra, gerando um quase ensandecido entusiasmo na tripulação que acompanhava, já à beira de um motim, o almirante genovês.

As maravilhas do Oriente, narradas por Marco Polo (1254-1324, aprox.), Colombo conheceu em grande parte através da cartografia de Paolo dal Pozzo Toscanelli (1397-1482) (GIUCCI, 1992). E tais maravilhas geraram nele um entusiasmo incomum.

Pierre d'Ailly (1350-1420), o cardeal humanista que reduziu a circunferência da Terra a 105 graus poderia estar certo e o planeta, por consequência, menor. Aristóteles (384-322 a.C.) também, em sua defesa de uma porção maior de terra do que água no planeta. Assim, se ambos estivessem corretos, atingir o Oriente, num mundo esférico, viajando rumo ao Ocidente, poderia ser de fato vantajoso, rápido. E, além do mais, bastante lucrativo, como creram os financiadores da empresa.

Mas, como sabemos, não foi ao dourado Oriente narrado por Marco Polo em seu *Le Devisement du Monde* que Colombo e sua tripulação chegaram. Em verdade, desembarcaram primeiro em uma ilha nas Bahamas que hoje é chamada de Watlings.

Não se apercebeu, Colombo, da novidade gritante que ficou escancarada diante de si no reconhecimento das ilhas e, também, das terras encontradas nas quatro expedições que empreendeu. Era, em muito, um exegeta, como ressalta Chauí (1998), que buscava no traçado das novas paragens conteúdos previstos de antemão nos livros das autoridades que leu. Este espírito conservador, plenamente compreensível para a época, contrasta com sua ousadia em transpor o “Mar Tenebroso”, içando as velas de suas embarcações para além das Colunas de Hércules, limite mítico do mundo medieval.

Chegou Colombo, praticamente, a ter uma visão das *Índias* descritas por Marco Polo. Ouve dos índios algo semelhante a *cami*, e se apressa em dizer que tal palavra remetia-se ao Grande Cã narrado pelo navegador veneziano. Na quarta viagem, diz estar perto das minas de ouro da província de Ciamba e, em outros momentos, diz ter encontrado nozes iguais às das Índias e, também, ratões como os que Marco Polo havia descrito.

Citou Colombo, em seu Diário de Viagem, que deveria estar próximo ao Paraíso, tema este significativo na Cartografia e na Geografia da Idade Média. Assim, escreveu:

[...]sempre encontrou clima e mar de grande temperança. Concluindo, diz o Almirante, bem disseram os teólogos e os sábios filósofos ao afirmar que o Paraíso terrestre está nos confins do Oriente, porque é um lugar temperadíssimo. De modo que as terras, agora descobertas, são os confins do Oriente” (COLOMBO, 1991. p.106).

Para demonstrar que o Paraíso estaria de fato *ali*, no Oriente, fez alusão ao livro do Gênesis, a Santo Isidoro e Santo Ambrósio, que justamente defendiam esta localização geográfica. Colombo estaria, portanto, bem amparado para demonstrar a veracidade das evidências que encontrava. Além do mais, é importante ressaltar, dizer-se perto do Paraíso significava também imprimir veracidade à posição geográfica almejada.

Colombo, em tudo isso que afirmamos, foi, em vários aspectos, expressão de uma perspectiva medieval de saber que era pouco afeita à experiência moderna, amparada na noção de *alteridade* entre sujeito e objeto. Em tal perspectiva, algumas poucas autoridades irradiariam as verdades absolutas de que precisamos saber e não é de se estranhar que Colombo mais fizesse uma leitura do que encontrou, leitura cheia de preconceitos, de expectativas já preenchidas de antemão. Nesta perspectiva,

o Novo Mundo emerge como texto original no qual a inscrição da diferença vai sendo progressivamente ocultada [...] (GIUCCI, 1991, p.115).

Assim, Colombo leu, decifrou o depois chamado Novo Mundo com os códigos de um saber que depois dele conheceu um definhado. Contudo, não só da tradição valeu-se Cristóvão Colombo. Se foi um exegeta, também inovou em algumas interpretações, mostrando, um pouco, da ousadia renascentista nascente.

No diário da primeira viagem, chegou a sugerir que o formato da Terra seria o de uma pêra, que conteria no pedículo provavelmente o Paraíso. Aqui, finda por concordar com Jean de Mandeville – mais um autor que estava em sua fileira de leituras –, para quem o Paraíso estaria localizado na porção mais alta do planeta⁴.

Apesar de lançar mão de Plínio, o velho, para classificar a vegetação encontrada, soube fazer da natureza uma descrição clara, verídica, mesmo que tal descrição fosse às vezes turvada pelo maravilhoso medieval, pelo tema do Paraíso que parecia de fato tocá-lo. Para O’Gorman (1992, p.52), nesta perspectiva, “[...] Colombo foi sensível à beleza do mundo tropical e soube anunciar a boa nova da existência de tais regiões (p.52)”.

O navegador genovês não deixou de ver na natureza das “Índias” um repositório para as novas necessidades geradas no continente europeu. Maravilha-se com a magnitude das árvores e, prostrado diante de algumas, se pergunta quantas naus não poderiam fazer os europeus com aquela rica madeira (COLOMBO, 1991).

Em 1506 o almirante faleceu. No seu Testamento pediu, para que o *herdeiro* do vice-reinado das Índias, seu filho Dom Diego, usasse a força das riquezas lá obtidas na reconquista de Jerusalém. Morreu não acreditando que havia chegado em um novo continente, preso que estava ainda à boa parte das conjecturas que tinha antes da empresa. O reconhecimento do ineditismo das novas terras coube ao controverso Américo Vespúcio.

Américo Vespúcio e a quarta parte do mundo

A meta do florentino Américo Vespúcio, enquanto navegador, era a de conseguir o êxito que Colombo não obteve, ou seja, buscar um caminho alternativo para as Índias e seu lucrativo e promissor comércio. Neste sentido, a geografia

⁴ *Acerca do Paraíso, posso falar com propriedade, porque nunca estive lá, pois não estava ao meu alcance. Contudo, como ouvi dos sábios do ultramar, falar-vos-ei de bom grado. O Paraíso Terrestre, segundo eles, acha-se no ponto mais alto da terra, tão alto que quase roça o círculo da Lua e tão alto que o dilúvio de Noé não pôde chegar até ali, tendo coberto toda a terra do mundo, a parte de baixo e a de cima, exceto o Paraíso (MANDEVILLE, 2007, p.248-9).*

revelada por Colombo, as massas de terra que bloquearam e confundiram o seu intento, formaria para Vespúcio um enigma. Por vezes, deu a entender que teria decifrado o caráter novíssimo das terras desveladas por Colombo. Muitas vezes, entretanto, concluiu ter chegado a alguma recôndita parte da Ásia, como salientam Randles (1994) e Fernández-Armesto (2009).

Nos textos apócrifos aparece com mais evidência um Vespúcio descobridor de uma quarta parte do mundo. Nestes textos surge um navegador ciente de toda a ordem de mudanças que sua exploração das “terras de Colombo” suscitaria. Assim no texto apócrifo conhecido como *Mundus Novus* (1503), Vespúcio teria afirmado sobre essas regiões:

[...] As quais é lícito chamar de Novo Mundo [...] porque isso excede a opinião dos nossos antepassados, pois a maior parte deles diz que além da linha equacional e para o Meridiano não há continente, apenas mar, que chamam de Atlântico. (2003, p. 33).

Das três grandes navegações de que participou, ora a serviço da Espanha, ora a serviço de Portugal, a terceira, realizada em 1501, pelo lado português, é a que tem maior valor histórico e geográfico.

Segundo O’Gorman (1992), o objetivo desta viagem era o de navegar pelas costas americanas, à época tidas como asiáticas, visando encontrar um local de passagem para o Oceano Índico. Uma vez encontrada esta passagem, deveriam rumar para as Índias, retornando para a Europa via Cabo da Boa Esperança, completando a primeira viagem de circunavegação da história.

Navegando por parte do litoral brasileiro, Américo Vespúcio teve a oportunidade, nesta terceira viagem, de constatar a imensidão e continuidade das terras reveladas por Colombo, uma vez que percebeu a extensão daquele litoral, que se prolongava indefinidamente até as regiões tempestuosas das imediações do círculo antártico (O’GORMAN, 1992).

O folhetim *Mundus Novus*, cuja passagem que aqui reproduzimos atestou essa constatação, logo tornou notório o feito intelectualmente relevante de Vespúcio, alçando-o à condição de “reconhecedor” do “Novo Mundo”.

Tal perspectiva foi ainda mais reforçada quando veio a público, em 1507, o texto que recebeu o título de *As quatro navegações*, em alusão a uma suposta quarta viagem feita pelo navegador florentino. Neste texto, também apócrifo, aparecem referências explícitas ao desbravamento de um novo mundo por parte de Vespúcio. O tom de exposição de novidades é predominante ao longo da narrativa. “*E assim, nos*

dirigimos pelas estrelas do outro polo meridional, que são muito mais numerosas, muito maiores e mais brilhantes do que as estrelas do nosso polo“ (2003, p.108).

É importante de se ressaltar que afora as polêmicas e informações confusas comuns à personagem Vespúcio, as três cartas autênticas que ele legou oferecem momentos de uma ousadia interpretativa que pouco se manifestou em Cristóvão Colombo. Não se pode, através de uma leitura atenciosa delas, duvidar da certeza que teve Vespúcio de ter encontrado novas áreas do planeta, independentemente de elas formarem um novo continente, ou não. Nesta perspectiva, no documento que ficou conhecido como *Carta de Sevilha*, aparecem notórias subversões de “verdades” recorrentes daquilo que, no primeiro capítulo, chamamos de Geografia Medieval:

Parece-me, magnífico Lorenzo, que a opinião de maior parte de filósofos, que diz que dentro da Zona Tórrida não se pode habitar devido ao grande calor, seja desprezada por esta minha viagem. Eu verifiquei nesta viagem ser o contrário, pois o ar é mais fresco naquela região do que fora dela. É que é tanta a gente que a habita, cuja quantidade muito maior do que aquela que fora dela existe pelo motivo que abaixo se dirá, pois mais vale a prática do que a teoria (VESPÚCIO, 2003, p.143)⁵.

Já na *Carta de Lisboa*, a alusão ao êxito pessoal na descoberta de uma quarta parte do mundo é explícita: *Concluindo, fui à região dos antípodas, que, pela minha navegação, é a quarta parte do mundo* (2003, p.183). Nesta carta, há ainda espaço para conclusões heréticas da parte do navegador florentino: *“E vimos tantos outros animais que acho que tantas espécies não entrariam na Arca de Noé”* (2003, p. 184).

Parece-nos que em Vespúcio, o reconhecimento da alteridade das novas terras é realmente notório. Seu céu, sua gente e sua natureza compõem um cenário reconhecidamente causador de uma positiva reação de estranhamento. Os autores antigos como Plínio e Aristóteles não conheceram as reais feições do planeta. Somente os navegadores, *homens da experiência*, poderiam revelar a magnitude do mundo. Há, assim, em Vespúcio, um florentino, muito do afã renascentista pela realização individual. Talvez muito de sua ousadia seja derivada deste afã.

O gradual processo de secularização do conhecimento recentemente iniciado em solo europeu se manifestou, portanto, em Vespúcio. A variedade da existência não

⁵ Na intitulada *Carta de Cabo Verde*, é tecido o seguinte comentário, novamente endereçado a Lorenzo de Médici: *“Credes Lorenzo, aquilo que escrevi até aqui é a verdade, e, se as províncias, os reinos e os nomes das cidades e das ilhas não correspondem com os dos escritores antigos, é sinal de que mudaram, como vemos em nossa Europa, onde com admiração se ouve um nome antigo.”* (VESPÚCIO, 2003, p.173).

deveria ser minimizada pelo critério reducionista do dogma e as novas terras, gentes e animais deveriam, assim, ser introduzidos nos quadros intelectuais europeus, corrigindo os erros do passado.

Neste sentido, há muito de moderno nas cartas legadas por Vespúcio. Dito tudo isso, fica a dúvida se Vespúcio teria ou não reconhecido a continentalidade das novas terras. Para muitos de seus intérpretes a resposta é não. Certo, entretanto, é que Vespúcio longe esteve de ser tributário da exegese colombiana, da intertextualidade presente nos textos gerados pelo almirante genovês. Para O’Gorman (1992), *agora, a velha imagem medieval teve que ser substituída diante das exigências dos dados empíricos* (O’GORMAN, 1992, p.173), o que findou por exigir o reconhecimento da individualidade das novas terras.

Fernão de Magalhães e a primeira circunavegação

A tomada de contato com o Oceano Pacífico pelos europeus⁶ culminou num amplo alargamento da imagem de mundo que se tinha até então. A título de exemplo do que estamos afirmando, cabe mencionar que nos tempos de advento das Grandes Navegações, e antes, portanto, do encontro com o aludido oceano, Dreyer-Eimbcke (1992) ressalta que somente 22% do planeta era efetivamente conhecido.

Esta imprecisão com relação às dimensões do mundo traria problemas, de acordo com Boorstin (1989), para a validação do Tratado de Tordesilhas. Segundo os seus termos, Portugal seria soberano de todas as áreas pagãs ou ainda por descobrir a leste da fronteira ocidental do Brasil através do Oceano Atlântico, da África, do Índico até as Índias Orientais. À Espanha caberia o domínio a partir da fronteira ocidental do Brasil para o Ocidente, até às Índias Ocidentais.

⁶ O primeiro europeu a vislumbrar o referido oceano não teve condições de mensurar a dimensão de sua “descoberta”. Vasco Nunes de Balboa (1474-1517), explorando o istmo do Panamá em busca de ouro, teve o primeiro contato com aquelas águas desconhecidas dos europeus em 25 de setembro de 1513. Tratou logo de tomar posse do desconhecido chamando-o de *Mar del Sur*. A posse foi tomada em nome de Castella. Acusado de conspiração contra a Espanha, Balboa perdeu a vida, sendo decapitado em praça pública. O primeiro vislumbre de Balboa, entretanto, não serviu para que espanhóis e portugueses, donos das “novidades” do mundo de acordo com as prerrogativas do Tratado de Tordesilhas, tivessem conhecimento do que existiria entre o Novo Mundo e a Ásia.

Neste cenário, o rei espanhol Carlos V esperava que as terras das especiarias estivessem do lado espanhol do tratado. É aqui que entra em cena Fernão de Magalhães (1480-1521).

Boorstin (1989) ressalta que Fernão de Magalhães, português de nascimento, foi acusado pelo rei D. Manoel de comercializar clandestinamente com os inimigos mouros em operação no norte da África no início do século XVI. Desta feita, negando a sua fidelidade a Portugal, Magalhães veio a oferecer seus serviços à Espanha. Em março de 1518, Carlos V anunciou seu apoio à expedição de Magalhães que, seguindo o propósito original de Colombo, almejava encontrar um estreito mais a sul da hoje América do Sul para, finalmente, poder adentrar em território asiático. Em setembro de 1519, zarpou com cinco navios e uma tripulação de aproximadamente 237 homens, incluindo portugueses, italianos, espanhóis, franceses, gregos e um inglês (BOORSTIN, 1989). A bordo de um dos navios, estava o fidalgo veneziano Antônio Pigafetta (1491-1534), que, como veremos, acabou se tornando o cronista oficial da empresa.

A princípio, como destaca Boorstin (1989), buscaram estreitos visando transpor o continente americano no Rio de Janeiro e no Golfo de San Matías.

Seguiram viagem, resolvendo parar próximos ao Porto de San Julián. Uma vez que o frio era crescente, esperaram a chegada da primavera para seguirem adiante.

Existe muita controvérsia acerca dos planos de Magalhães quanto à descoberta de um estreito ao sul do Novo Mundo. Dreyer-Eimbcke (1992) destaca a seguinte passagem da narrativa de Pigafetta para atestar o conhecimento prévio que Fernão de Magalhães teria do referido estreito:

Toda a tripulação acreditava firmemente que o estreito não tinha saída para Oeste e que não seria prudente buscá-la sem ter os grandes conhecimentos do capitão-geral. Este, tão hábil quanto valente, sabia que era preciso passar por um estreito muito escondido, que havia visto em um mapa feito pelo excelente cartógrafo Martín de Bohemia e que o rei de Portugal guardava em sua tesouraria (PIGAFETTA, 2005, p.66).

Boorstin (1989) nega, por sua vez, que Fernão de Magalhães tivesse alguma informação mais concreta acerca do mencionado estreito. Sendo ainda tributário de Ptolomeu, Magalhães teria planejado a sua empresa nos moldes colombianos, ou seja, amparado por concepções errôneas, mas ainda muito respeitadas, sobre a real configuração do mundo.

Demoraram cerca de vinte e sete dias para atravessar os cerca de 600 Km do estreito, chamado por Pigafetta de Estreito dos Patagões, em alusão aos nativos da Patagônia por eles encontrados. Após cruzarem o labiríntico estreito, teve início o momento mais trágico da viagem. Boorstin (1989) ressalta que Fernão de Magalhães esperava que a viagem até a Ásia, uma vez cruzado o estreito, duraria apenas uma semana. Este cálculo foi feito tendo o “pequeno mundo” de Ptolomeu como base. Neste sentido, pode ser dito que Magalhães subestimou em aproximadamente 80% a massa de água que teria que atravessar para chegar até a Ásia⁷.

A travessia do Pacífico demorou cerca de três meses e vinte dias, sendo que se estima em 20.000 Km o total da área percorrida. Ao longo da travessia, as provisões foram acabando e a situação da tripulação foi ficando desesperadora. Pigafetta (2005) chega a mencionar que, logo após saírem do estreito e adentrarem nas tranquilas águas do Pacífico, já não tinham pão para comer, mas apenas polvo impregnado com morcegos e empapado com urina de rato. Visando saciar a fome, chegaram a comer couro fervido, além de ratos, que, na linguagem de Pigafetta, a esta altura chegavam a ser um “{...} *manjar tão caro que se pagava meio ducado por cada um* (2005, p.81)”.

Em 06 de março de 1521, chegaram às Ilhas Marianas. Lá, foram roubados, mas conseguiram se abastecer com arroz, frutas e água doce (BOORSTIN, 1989). Quando chegaram às Filipinas, o destino de Fernão de Magalhães já estava sacramentado. Em 27 de abril, o comandante da expedição, após se envolver em disputas locais, caiu morto atacado por nativos.

Com a morte de Magalhães, a viagem passou a ser comandada por Sebastián del Cano que, assim, tornou-se líder do único navio restante, paradoxalmente chamado de Victória. Dreyer-Eimbcke (1992) ressalta que o aludido navio retornou para a Europa carregado com 26 toneladas de especiarias, oriundas das Ilhas Molucas, o que veio a compensar os custos financeiros da viagem. No dia 08 de setembro de 1522, apenas 18 homens aportaram em Sevilha, completando a primeira viagem de circunavegação da história.

Cabe mencionar que os feitos da expedição de Magalhães foram divulgados na Europa a partir do livro *De Molucci Insulis* publicado em 1526, na cidade de Colônia,

⁷ O encontro com o Pacífico foi assim narrado por Pigafetta (2005): *Na quarta-feira, dia 28 de novembro de 1520, saímos do estreito para entrar no grande mar, ao qual em seguida chamamos de Pacífico, e onde navegamos três meses e vinte dias sem provar nenhum alimento fresco* (p.81).

Alemanha. Já o relato de Pigafetta foi publicado originalmente em Lisboa, no ano de 1525 (DREYER-EIMBCKE, 1992).

São inúmeros os resultados geográficos oriundos da viagem. Através dela, graças à “descoberta” do Oceano Pacífico, deixou de ser válida a máxima ptolemaica de que existiria mais terra do que água no mundo. Parafraseando Boorstin (1989), a viagem revelou um *mundo de oceanos*, alargando sobremaneira a percepção humana do planeta em que vivemos. Completada a circunavegação, seria pouco razoável, também, que se duvidasse da esfericidade do planeta. Dreyer-Eimbcke (1992) destaca que, com a expedição empreendida por Fernão de Magalhães, a dimensão da Ásia ficou restrita à sua real situação e que, através dela, o tamanho relativo dos continentes ficou melhor conhecido. Aos poucos, portanto, no advento da modernidade, a inteireza do mundo passou a ser efetivamente conhecida e a viagem de Magalhães foi, até aquele momento, a que mais contribuiu neste sentido.

Considerações finais

Datar o nascimento da Geografia Moderna é tarefa das mais árduas, senão infértil. São muitos os eventos e processos extrínsecos ao conhecimento geográfico que o reconfiguraram radicalmente. Isso para torná-lo condizente com as novas demandas provenientes da sociedade mercantil que se instaurava.

Pensamos que a ressignificação do empírico, bem como o contraste da textura concreta das novas paragens com as infindáveis páginas provindas da pena dos doutos medievais e dos sábios da Antiguidade que eles reverenciavam se constituiu num passo crucial para que uma nova Geografia se instaurasse com base em critérios outros para a validação de seu conhecimento.

O próximo passo para a modernização do conhecimento geográfico foi, neste sentido, o despertar de discussões de cunho metodológico que, antes de tudo, se puseram a reorganizar as novas massas de informações sobre o planeta num todo coerente e sistemático. Foi este o ensejo, por exemplo, para que Varenius (1984), em sua *Geografia Geral* (1650), mesmo após, tradicionalmente, definir como *objeto* de estudos da Geografia: [...] *la Tierra, principalmente su superficie y sus partes* (p.135), propor a divisão do conhecimento geográfico em geral e especial, partindo para outras subdivisões com o claro propósito de reorganizar o que se sabia até então sobre o mundo. Tudo isso feito num claro e revolucionário propósito de secularização da

Geografia, cujo exemplo maior pode ser visto em sua inovadora adoção do heliocentrismo copernicano-galileano, execrado, à época, tanto por católicos quanto por protestantes.

Neste sentido, o aludido processo de ressignificação do empírico, que perpassa pelas filosofias de nomes como Francis Bacon, David Hume e Immanuel Kant, só para citar alguns, constitui, para a Geografia, toda uma etapa singular e rica no que concerne às demandas que os novos tempos impuseram para este saber. Dos livros para o mundo! Eis aqui o passo dado.

Referências

BACON, Francis. *Novum Organum ou verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza*. Trad. de José Aluysio Reis de Andrade. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Col. Os Pensadores)

BOORSTIN, Daniel J. *Os descobridores – de como o homem procurou conhecer-se a si mesmo e ao mundo*. Trad. Fernanda Pinto Rodrigues. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

COLOMBO, Cristóvão. *Diários da descoberta da América: as quatro viagens e o testamento*. Trad. Milton Person. Porto Alegre: L&PM, 1991. (Col. A visão do Paraíso)

DREYER-EIMBCKE, Oswald. *O descobrimento da Terra: história e histórias da aventura cartográfica*. São Paulo: Melhoramentos; Edusp, 1992.

ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FERNÁNDEZ-ARMESTO, Felipe. *Os desbravadores*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FONSECA, Luís Adão da. *De Vasco a Cabral*. Bauru-SP: Edusc, 2001.

FRANCO JUNIOR, Hilário. *As utopias medievais*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

GIUCCI, Guillermo. *Viajantes do maravilhoso: o Novo Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional/Edusp, 1969

KIMBLE, G. H. T. *A Geografia na Idade Média*. Trad. Márcia Siqueira de Carvalho. Londrina: Ed. da UEL, 2000.

LAS CASAS, Bartolomé de. *O paraíso destruído*. Porto Alegre: L&PM, 2007.

MAGASICH-AIROLA, Jorge; DE BEER, Jean-Marc. *América Mágica: quando a Europa da Renascença pensou estar conquistando o Paraíso*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

MANDEVILLE, Jean de. *Viagens de Jean de Mandeville*. São Paulo: Edusc, 2007.

MARTIN, Alfred von. *Sociologia del Renacimiento*. México: Fondo de cultura económica, 1946.

NOVAES, Adauto. Experiência e destino. In: NOVAES, Adauto (org.). *A Descoberta do homem e do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. (Col. Brasil 500 anos)

O'GORMAN, Edmundo. *A invenção da América: reflexão a respeito da estrutura histórica do Novo Mundo e do sentido do seu devir*. São Paulo: Edunesp, 1992.

PIGAFETTA, Antonio. *A primeira viagem ao redor do mundo*. Porto Alegre: L&PM, 2005.

PORDENONE, Odorico de. Relatório. In: MONTECORVINO, João de; RUBRUC, Guilherme de; PORDENONE, Odorico de. *Crônicas de viagem: franciscanos no Extremo Oriente antes de Marco Pólo*. Porto Alegre: Edipuc-RS, 2005.

VARENIO, Bernhard. *Geografia Geral- en la que se explican las propiedades generales de La tierra*. 2.ed. Trad.. José Maria Requejo Prieto. Barcelona: Ediciones de la Universidad de Barcelona, 1984.

VESPÚCIO, Américo. *Novo Mundo: as cartas que batizaram a América*. São Paulo: Planeta Brasil, 2003.

Recebido em: 11/11/2013

Aprovado para publicação em: 20/05/2014